

# Os HOMENS DO PRESIDENTE

Denise Rothenburg  
Da equipe do **Correio**

Completada a reforma ministerial, os partidos aliados ao governo começam a trabalhar com indicações para um posto que consideram tão importante quanto espaço físico na Esplanada dos Ministérios: o comando político da campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso à reeleição.

O alto comando, que ocupará um andar inteiro no Centro Empresarial Varig — mesmo prédio onde a cúpula do PSDB se instalou em meio andar —, no começo da W-3 Norte, será responsável pela complicada organização da agenda do presidente-candidato nos estados. Para a missão, quase impossível, o presidente Fernando Henrique escolheu o ministro-chefe da secretaria-geral da Presidência da República, Eduardo Jorge. Mas, além dele, cada partido da coligação terá que indicar um representante, que vai ficar de olho na agenda de campanha.

O PMDB saiu na frente e escalou o líder do partido no Senado, Jader Barbalho (PA), para defesa de seus interesses regionais na coligação

nacional que apoiará Fernando Henrique. O nome de Jader, praticamente vetado pelo Planalto para assumir o Ministério da Justiça no lugar de Íris Rezende, foi escolhido esta semana em conversas dos peemedebistas em Brasília: "Ele vai conduzir esse processo. Será o nosso representante. Queremos Jader à frente de toda a preparação da campanha presidencial", disse o deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), que compõe hoje o grupo decisório do PMDB.

## MALUF

Para contrabalançar a astúcia política de Jader, o PPB articula a inclusão do presidente do partido, Paulo Maluf, que, embora candidato a governador em São Paulo, reservaria algumas horas por semana em sua agenda de campanha para acompanhar a reunião semanal do alto comando de Fernando Henrique em Brasília.

A idéia dos pepebistas provocou alvoroço no tucanato. Eles apostavam todas as fichas no ministro das Comunicações, Sérgio Motta, o *trator*, para fazer o contraponto a Jader e Maluf. Mas, como o estado de saúde do ministro

é delicado, ainda não definiram quem poderá assumir a tarefa de defender os interesses do PSDB na campanha de Fernando Henrique. O partido pensa em escalar para função o ex-deputado federal Euclides Scalco, amigo pessoal do presidente.

Os tucanos querem evitar que candidatos envolvidos diretamente

nas campanhas estaduais estejam no comando central da candidatura de Fernando Henrique. Motivo: não querem Maluf tirando fotos ao lado do presidente. O líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG), foi claro: "A estrutura política da campanha deverá ser a mais enxuta possível".

O PFL e o PTB ainda não escolheram seus representantes. O PTB, irritado com o que chamou de fritura do ex-ministro da Agricultura, Arlindo Porto, está agora em fase de recolhimento. Espera ser chamado para tratar do assun-

to. No caso dos pefelistas, ocorreu justamente o contrário: o presidente tratou tão bem aquele que estava escalado para o alto comando da sucessão presidencial que o partido agora estuda novas opções. O eleito dos pefelistas para a função era o senador Waldeck Ornelas, ligado ao presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Mas Fernando Henrique nomeou Ornelas ministro da Previdência.

Os políticos fixaram este mês como o prazo fatal para escolha desses nomes da campanha. A

sucessão nos estados já começou e deve haver alguém encarregado de fazer a ponte entre o presidente que será candidato e aqueles que já botaram a campanha na rua nos estados. "O presidente viaja muito e, por mais que se diga que não é campanha, quem é adversário de governador estadual se sente pre-

judicado ao ver o governador ao lado do presidente", avalia um integrante da cúpula do PFL.

## ARESTAS

Problemas para o alto comando é que não faltam. Aliado do Planalto, o senador Hugo Napoleão (PFL-PI) ficou furioso recentemente, ao ver o presidente Fernando Henrique, em seu estado, inaugurando trechos de estrada ao lado do governador Mão Santa (PMDB). Mas a ira não é privilégio dos pefelistas. Secretário-geral do PSDB, o deputado Arthur Virgílio (AM) prefere ver Fernando Henrique longe de Manaus do que desfilando em palanques ao lado do governador Amazonino Mendes (PFL). Aliás, foi assim que o presidente fez em 1994: não foi ao Amazonas.

Na sua primeira campanha presidencial, há quatro anos, Fernando Henrique tinha poucos campos minados, onde não poderia pisar. Além de Manaus, havia o Rio Grande do Norte, onde PSDB e PFL estavam em lados opostos e o favorito era Garibaldi Alves (PMDB), partido que na época estava fora da coligação. Resultado: Fernando Henrique cancelou uma visita ao estado.

O comando da campanha era de Sérgio Motta. Junto com o publicitário Nizan Guanaes e o estrategista Geraldo Walter, Motta idealizava os programas, cuidava das finanças e ainda dava palpites no campo político, onde quem ditava as regras era um triunvirato formado pelos presidentes de partidos: Pimenta da Veiga (PSDB), Jorge Bornhausen (PFL) e Andrade Vieira (PTB).

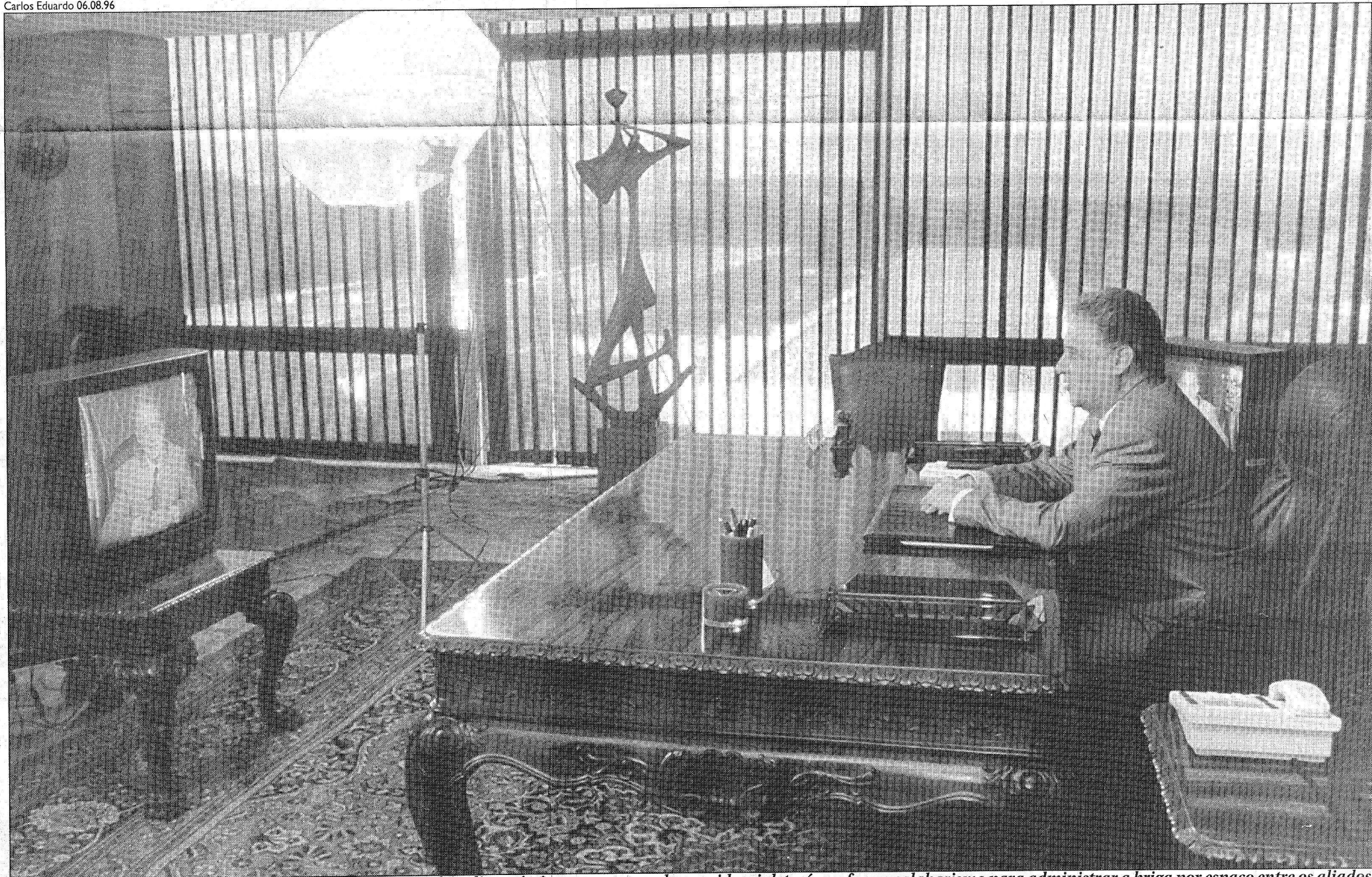
Nesta campanha, Motta, está doente; Geraldão morreu, vítima de câncer, há menos de dois meses; e Paulo Renato é ministro. Do antigo grupo político, à exceção do senador Andrade Vieira, que ainda não definiu se será candidato à reeleição, os demais estão empenhados em suas próprias campanhas. Pimenta é candidato a deputado federal em Minas e Bornhausen poderá disputar o Senado em Santa Catarina.

Além de não ter seus amigos mais fiéis disponíveis para a campanha, Fernando Henrique terá, desta vez, mais dois partidos na coligação — PPB e PMDB — e todos os cinco aliados querendo obter espaço nos estados para liderar a sucessão do futuro presidente em 2002.

"A ESTRUTURA POLÍTICA DA CAMPANHA DEVERÁ SER A MAIS ENXUTA POSSÍVEL"

Aécio Neves (MG),  
líder do PSDB na Câmara

Carlos Eduardo 06.08.96



Fernando Henrique, em seu gabinete: sem os amigos mais fiéis disponíveis para a campanha presidencial, terá que fazer malabarismo para administrar a briga por espaço entre os aliados